



## AO DOMINGO

## Como se pode contrariar a abstenção?



**Clara  
Almeida Santos**  
Vice-reitora  
da Universidade  
de Coimbra

“ A abstenção é um fenómeno que compreendo mal. Apesar de já ter nascido em democracia e, por isso, com o direito de votar garantido e de votar num sistema pluripartidário, o dia de eleições é sempre um momento muito comovente. Faço questão de levar os meus filhos e de explicar que nem sempre foi assim. Fico sensibilizada com os filhos que levam pais já demasiado frágeis para se deslocarem às urnas sozinhos. Não consigo deixar de seguir com os olhos os bombeiros que levam pessoas doentes a votar. Votar para mim significa também voltar à escola onde vivi o ensino Secundário. Assim mesmo, vivido. Apesar de a minha escola ter tido obras de remodelação profundas, reconheço os corredores, os campos de jogos, um certo cheiro desses anos. Educação e voto são, para mim, duas páginas de uma mesma folha. Também porque educar tem por base acreditar profundamente que há coisas que podem mesmo fazer a diferença, que não é tudo a mesma coisa, que há coisas que não são relativas. Talvez a educação seja um dos caminhos para contrariar a abstenção. ”



**Elisa  
Ferreira**  
Eurodeputada  
do PS

“ O mais importante para contrariar a abstenção é ter muito cuidado com a banalização da crítica aos políticos e à política. A destruição da dignidade da política transformou-se numa forma simples de encontrar convergências e que acaba por ser utilizada pelos meios de Comunicação Social e por muitos daqueles que em determinados momentos optam por entrar na política e que só nessa altura reconhecem ser vítimas desse mesmo discurso. Naturalmente que os próprios atores políticos têm de fazer um exercício de limitação das promessas e dos discursos, com um critério de seriedade e realismo. ”



**Sebastião Foyo  
de Azevedo**  
Reitor  
da Universidade  
do Porto

“ Somente de uma forma, com resultados difíceis e de médio prazo – pela cultura, cultivando a confiança no modelo político, promovendo nomeadamente o papel crucial que o presidente da República desempenha, ou deverá desempenhar, como garante da Constituição, do Estado de Direito e do equilíbrio democrático, acima de interesses conflitantes entre si de micro e macro corporações. Ora, é inequívoco que o nosso modelo político e social tem vindo a ser posto em causa pelo próprio comportamento dos partidos e dos parlamentares individualmente. Não podemos prometer e não fazer, ou fazer o contrário, como tem acontecido. Não podemos chegar e destruir tudo o que está para trás, como tem acontecido. Não podemos promover uma cultura de modelos de governação fracos, a todos os níveis públicos, forma de manter privilégios indevidos. Ainda assim, é preciso percebermos e interiorizarmos que globalmente este é o menos mau dos modelos. Hoje, 24 de janeiro, a palavra de ordem é: Votar. ”